

Compadrio de Escravos no Rio de Janeiro Setecentista

Roberta Ruas Monteiro*

RESUMO

O batismo de escravos nos revela estratégias condizentes à lógica das sociedades de Antigo Regime. Os laços sociais forjados entre padrinhos e afilhados implicavam em obrigações e dependências mútuas, o que poderia ser explorado na busca de benefícios próprios. O Antigo Regime nos trópicos deu origem a sociedades nas quais os laços de submissão e de solidariedade vão determinar a posição e o papel que cabem a cada indivíduo desempenhar, o que poderia mudar de acordo com as redes sociais estabelecidas por esses indivíduos. A percepção e utilização desse fato pelos escravos na busca de melhores condições de vida nos revelam a existência dos espaços de diálogo, de movimentação que essa sociedade lhes conferia e que, apesar de limitados, estavam presentes e eram devidamente explorados por eles.

PALAVRAS-CHAVE

Batismo de escravos – Antigo Regime – Hierarquias sociais

ABSTRACT

The slaves' baptism reveals strategies according to the logic of the Ancient Regime societies. The social liaisons that are forged between the godfather and godchild implied in obligations and mutual dependences, what could be explored in the search of benefits for those involved. The Ancient Regime in the tropics created societies which the submission and solidarity liaisons will determine the position and role that each person will develop, and that could change according the social net established by those individuals. The perception and use of this fact for the slaves in the search of better life conditions, reveal us the existence of dialogue, of movement in the spaces that, in spite broad-limited, were present and properly explored by them.

KEYWORDS

Slaves' baptism – Ancient Regime – Social Hierarchies

* Graduanda em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A descoberta do ouro no fim do século XVII foi um dos principais motivos da redefinição do papel que o Rio de Janeiro exercia nos quadros do império português. Mais do que o ouro em si, é o desenvolvimento de amplos mercados consumidores nas regiões auríferas no século XVIII que irá conferir tal importância à capitania (SAMPAIO, 2001:75-76). Ao se transformar no mais importante centro distribuidor das mercadorias que chegam da metrópole e o principal centro abastecedor das minas, o Rio de Janeiro vai, aos poucos, sobrepujando o nordeste – especialmente a Bahia - em importância, o que culmina com a transferência da capital da colônia para a capitania carioca em 1763.

É dentro desta perspectiva que se encontra o Rio de Janeiro nos setecentos: uma capital de papel fundamental para o império português. A partir daí, para a compreensão de tal período histórico, estudar as mais diferentes características e transformações desta sociedade carioca torna-se fundamental. O presente trabalho, há pouco iniciado, busca matizar o papel do compadrio de escravos no Rio de Janeiro setecentista, mais especificamente da segunda metade do século XVIII. Para tanto, é analisada a documentação acerca de batismos de escravos da freguesia da Candelária durante o período pombalino, documentação essa que se localiza na Cúria do Rio de Janeiro. Procura-se enfatizar as mais diversas formas de estratégias escravas reveladas através da análise dos envolvidos em tais cerimônias, como o perfil de padrinhos e de pais do batizando, dentre outras questões pertinentes ao tema.

O batismo é a porta de entrada do indivíduo na doutrina e comunidade cristãs através da remissão do pecado original, constituindo-se no principal sacramento da religião católica (BRÜGGER, 2007:283). No ato do batismo, a figura do padrinho representa uma espécie de “pai espiritual” do batizando, assumindo o papel de representante da criança na cerimônia, seu guardião e protetor em potencial. Desse modo, o padrinho desfrutava de uma posição de respeito e prestígio junto aos demais envolvidos na cerimônia (SCHWARTZ, 1999:66). As *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* determinavam que cabia aos padrinhos ensinar a doutrina cristã e os bons costumes ao afilhado sendo, portanto, os responsáveis pela sua perseverança na fé cristã. O vínculo era tal que se estabelecia ainda a impossibilidade do matrimônio entre padrinhos e afilhados (BRÜGGER, 2007:284). Assim, podemos observar que através do ato de compadrio era estabelecido um vínculo de parentesco espiritual entre os envolvidos - o padrinho, os pais e o batizando. Mais relevante ainda para o nosso estudo é o fato de que o compadrio reforçava ou dava origem a relações sociais entre os mesmos, constituindo importantes alianças de parentesco para além da consangüinidade.

O Antigo Regime nos trópicos deu origem a sociedades nas quais os laços de submissão e de solidariedade vão determinar o posicionamento e o papel que cabem a cada indivíduo desempenhar, o que poderia mudar – tanto para melhor quanto para pior – de acordo com as redes sociais estabelecidas por esses indivíduos (ENGEMANN, 2005:173). A partir de então, podemos concluir o quão importante papel a relação de compadrio assume dentro dessa sociedade, na medida em que laços de parentesco espiritual são forjados através do ato de apadrinhamento de indivíduos.

É interessante o fato de encontrarmos na documentação de batismos de escravos uma predominância de padrinhos brancos, em geral livres e de condição social mais privilegiada que os próprios pais do batizando. Isso se explica através da constatação de que para os cativos a relação de compadrio é uma oportunidade de estabelecer alianças “para cima”, ou seja, de se relacionarem com segmentos sociais localizados em patamares mais elevados na hierarquia social, o que poderia representar uma chance de melhoria de suas condições de vida, ou ao menos das do filho que está sendo batizado (BRÜGGER, 2007:285-287).

Dessa maneira, podemos perceber que através do perfil recorrente dos padrinhos escolhidos no ato de batismo, há uma estratégia escrava sendo delineada. A própria diferença entre esse perfil de padrinhos e o de madrinhas no ato de compadrio é um exemplo de estratégias desses cativos. Enquanto entre os padrinhos destaca-se a escolha de indivíduos brancos, livres e de posição social mais elevada, dentre as madrinhas são mais comumente selecionadas negras escravas, pertencentes à mesma escravaria que os pais da criança, ou escravarias vizinhas. Na medida em que o padrinho representava um guardião da criança, uma espécie de protetor e “pai espiritual” junto ao qual o escravo poderia adquirir benefícios e proteção, a figura da madrinha representava uma auxiliar na criação do afilhado, uma segunda mãe para a criança. Daí ser mais vantajoso a escolha de outras escravas do mesmo plantel ou de plantéis vizinhos aos dos pais da criança (BRÜGGER, 2007:294).

Outro aspecto importante do perfil de apadrinhamento de escravos é observado na diferenciação que ele originava dentre própria escravaria. Quanto melhor a proeminência social do padrinho, tanto a criança como possivelmente seus pais gozavam de mais benefícios e proteção junto a esse indivíduo, além de uma posição de maior destaque entre os demais escravos. Assim que nos deparamos com José, escravo batizado adulto¹. Ao passo que a

¹ Os exemplos citados no texto foram retirados do Arquivo da Cúria Metropolitana de São Sebastião do Rio de Janeiro. Livro de Batismos de Escravos da Freguesia da Candelária AP-0781 (1745-1774).

maioria dos escravos adultos recém-chegados tem uma maior probabilidade de serem batizados por outros escravos do que as crianças recém-nascidas (SCHWARTZ, 2001:272), José teve como padrinho um homem com símbolo de distinção, o capitão Antônio Rodrigues de Souza, o que de certo lhe conferia uma vantagem em relação aos demais.

É raro - ainda que não impossível - encontrar o próprio senhor apadrinhando seus escravos, na medida em que tal ato poderia retirar-lhe um pouco do poder exercido sobre eles. É mais complicado para um senhor castigar um escravo afilhado seu que outro sem laços de parentesco ritual. Daí ser mais facilmente encontrado na documentação parentes desse senhor apadrinhando a escravaria, o que beneficia determinados escravos, mas sem comprometer a máxima autoridade de seu senhor. Os laços de compadrio entre parentes desse senhor e cativos dão origem, ainda, a uma diferenciação entre a escravaria, enfraquecendo laços e alianças que poderiam surgir entre esses cativos e reafirmando o poder e influência sobre os mesmos. É o caso, por exemplo, da batizanda Francisca. Sua mãe, Catarina, era uma escrava provavelmente privilegiada, pois encontramos como padrinho de sua filha ninguém menos que Vicente Carvalho, filho do capitão José Carvalho de Oliveira, seu senhor. É uma situação que poderia trazer benefícios, sem dúvida, para Catarina e sua filha Francisca. Mas, por outro lado, a madrinha de Francisca é outra escrava do dito capitão, também de nome Catarina, o que nos revela um outro padrão do ato de compadrio.

O perfil das madrinhas nos remete a estratégias diversas, mas igualmente proveitosas para os cativos. A escolha da madrinha consolida laços entre os próprios escravos, legitimando relações entre as famílias escravas de um mesmo plantel ou de plantéis vizinhos. Ao invés de alianças “para cima”, como no caso da escolha dos padrinhos, seriam alianças mais “para dentro”, entre iguais, não provocando uma diferenciação e sim a união entre os cativos. Tal fato torna-se importante na medida em que possuir padrinhos ou compadres brancos e livres pode afastar esses cativos privilegiados dos demais não tão bem relacionados. Ao selecionar como madrinha uma cativa da mesma escravaria que os pais do batizando ou de escravarias vizinhas, reforçam-se laços entre esses escravos, amenizando a distância que o perfil do padrinho poderia originar.

É importante destacar, ainda, que o compadrio de escravos não elimina as hierarquias sociais, mas as legitima. O perfil de apadrinhamento se constitui numa relação entre desiguais, apesar dos laços de parentesco espiritual originarem relações de igualdade entre o padrinho e os pais da criança a ser batizada, na medida em que eles dividem a guarda e responsabilidade sobre essa criança. Os papéis dos envolvidos na cerimônia estão bem estabelecidos - cabe aos pais e

ao padrinho zelarem pelo batizando e à criança o respeito pelos mesmos. Ao cimentar essa relação de igualdade espiritual, a relação de desigualdade social é legitimada, e o ato de compadrio se adequa perfeitamente à lógica das sociedades de Antigo Regime.

Concluimos, portanto, que a relação de compadrio nos remete a estratégias estabelecidas pelos escravos, na busca de melhores condições de vida. O que nos mostra que o papel desempenhado por esses cativos dentro da sociedade escravista altamente hierarquizada e fechada não era tão rígido quanto se pode acreditar. A percepção e utilização desse fato pelos escravos na busca de melhores condições de vida nos revelam não só a aceitação dessa sociedade escravista pelos mesmos, como também a percepção dos espaços de diálogo, de movimentação que os cativos possuíam. Espaço esse que, apesar de limitado, estava presente e era devidamente explorado pelos escravos.

Acreditamos, ainda, que não foi apesar dos maus tratos, da exploração e má qualidade de vida e trabalho que o escravo recriou sua identidade nos trópicos (THORTON, 2004:251-252). Mas sim a partir de tudo isso que tal reinvenção tornou-se possível. É a partir dessa inserção do escravo na sociedade e aceitação da mesma que o cativo pode estabelecer estratégias de atuação, padrões que são configurados e postos em prática na busca por melhores condições de sobrevivência, apesar da noção de que há um limite para tais mudanças. Nesse sentido, o compadrio de escravos assume papel de importância considerável como meio de se conquistar uma ascensão dentre os demais cativos e uma melhoria na condição dos escravos que souberam pôr em prática uma estratégia de vida.

Bibliografia:

BRÜGGER, Silvia Maria Jardim. *Minas Patriarcal: Família e Sociedade (São João Del Rei – Séculos XVII e XIX)*. São Paulo: Annablume, 2007.

ENGEMANN, Carlos. “Da Comunidade Escrava e Suas Possibilidades, Séculos XVII – XIX”. In: FLORENTINO, Manolo (Org.). *Tráfico, Cativo e Liberdade (Rio de Janeiro, Séculos XVII-XIX)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SAMPAIO, Antonio Carlos Jucá de. “Os homens de negócio do Rio de Janeiro e sua atuação nos quadros do Império português (1701 - 1750)”. In: FRAGOSO, João (Org.) *O Antigo*

Regime nos Trópicos – A Dinâmica Imperial Portuguesa (séculos XVI-XVIII). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. *Na Encruzilhada do Império: Hierarquias Sociais e Conjunturas Econômicas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

SCHWARTZ, Stuart B. *Escravos, Roceiros e Rebeldes*. São Paulo: EDUSC, 2001.

_____. *Segredos Internos*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1999.

THORTON, John Kelly. *A África e os africanos na formação do mundo atlântico, 1400-1800*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.